

PEDRA NA CATEDRAL

No banho matinal, a água do chuveiro se esfria sobre mim e, ao senti-se palpável sob as mãos, concentro-me ao máximo a fim de dissociar o corpo de minha nuca e consciência, da minha coexistente imaterialidade, sem outro resultado do que persuadir-me do colapso de qualquer esforço para quebrar a fundamental unidade da minha pessoa.

Obras há, também, que se apresentam a nós invadidas de tal organicidade, de tão esférica consubstancialidade, que só às situamos em perspectiva adequada quando as visualizamos como um todo integrado e integrante de funções. Dir-se-ia a vida encarnada, com sua fabulosa rede de nervos sensitizantes e seus porosos campos irrigados.

Se nos recusarmos à tradução metafórica e tomarmos a peito perseguir uma elucidação objetiva do fenômeno, quase certo admitiremos que não é senão a tensa estruturação dos elementos composicionais do poema, desencadeando um estreito inter-relacionamento das unidades expressivas, o responsável por essa impressão derradeira de persuasão — vá lá! — biológica. Seria tudo, pois, questão de perícia artesanal. O melhor fabro, eis aquele que, com maior êxito, rivalizaria com a vida nas suas criações inumeráveis.

Acontece, porém, que tal esquema não dá conta da inteira complexidade do assunto, visivelmente muito mais fértil de consequências do que se antolha ao nosso vão tecnicismo. A realidade parece ser bem o inverso.

Antes de mais nada é preciso que o poeta nos anos mais febris de seu trânsito terreno — e aí se incluem as tribulações e os alumbrados estaxes — atue prismaticamente como um filtro da multiplicidade de réverberos do mundo, no plano da sensorialidade e das tonalizações afetivas. Nesse período de núpcias com a experiência, de onivoracidade, se, ao mesmo tempo, apurar tanto quanto possível o domínio de apropriados instrumentos de expressão, quase infalivelmente plasmará obras que se imporão a nós como realizações suscetíveis de comensurar-se com a vida.

Trata-se, na verdade, de um sistema de tráfego de mão dupla. A arte e o humano fecundam-se mutuamente. Será sempre deficitária a ciência artesanal que não se encarnar na áspere, impura e enfeiticeira existência. Causam-nos, por isso, sempre admiração e respeito os grandes artistas que são, do mesmo passo, modelares espécimes humanos. Modelares não segundo os códigos solertes que caucionam as tartufices de classe, mas consoante aos rumos que apontam para a destinação ascensional da espécie inteira.

A esse respeito é representativa a obra do maior poeta maranhense vivo, Bandeira Tribuzi, figura excepcional que, se não houvesse mergulhado raízes em São Luis, a vetusta e lírica ilha de sobradões esmaltados de decadente fausto — la petite ville aux palais de porcelane — decerto desfrutaria hoje de renome nacional. Claro que não se está aqui a cominar-lhe nenhuma sentença final, pois, mal entrado na casa dos quarenta, se desdobra diante dele consagrada trajetória que, sem favor algum, haverá de trilhar com a exemplaridade de sempre.

Poucos cultores do verso, no Brasil de hoje, podem correr parelhas, em virtuosidade e consciência instrumental, com o autor de Safra. Conquanto haja dado provas sobejas de seguro domínio do vers libre, sua propensão maior é para as formas canônicas, revitalizadas, todavia, por genuíno sopro de modernidade, no que o termo comporta de mais coextensível com a inquietação do século.

Graças à superlativa perícia com que manipula o metro, o idioma brota de sua pena amavelmente afeiçoado aos seus números cantantes, e isso com a espontaneidade de quem respira, dó escoar do sangue nas artérias. Mestre da terza rima, artesão consumado do decassilado e da redondilha, paráfrase magicien do soneto, endiabrado forjador de rimas inacreditáveis, a fluidez e plasticidade do vernáculo estão a seu dispor e, com materiais de tal categoria, sua invenção faz o que quer.

Para alinhar exemplos. "Antroponáutica" e "Canção Quarentã", duas das mais recentes produções de Bandeira

DOS HOMENS

Tribuzi, apresentam-se em impecável terza rima. Na mesma estrofação e metro são a maravilhosa suite "Quandonde", assim como "Em Busca do Tempo", elegia de elevadíssimo teor lírico. (As criações referidas são tôdas inéditas). Já "A Máquina do Mundo", integrante do livro Safra (1961), constitui uma série de vinte e cinco sonetos dissimulados, veiculando uma solene meditação sobre a aventura humana, que se encerra, como em quase todos os trabalhos do poeta, num tom de celebração e de contagiante confiança. "Itinerário do Corpo", agora do seu segundo livro, Rosa da Esperança (1950), compõe uma sequência de sete magistrais sonetos, cujos temas são as várias fases da evolução individual.

A despeito dessa insofismável demonstração de maestria técnica, o que, todavia, mais nos inspira reverência na poesia de Bandeira Tribuzi e nos identifica com ela é o lastro de densa experiência pessoal e tribal, que nos assegura a adesão e a esperança fraterna do poeta, a frontear-nos menos como um iniciado do que como um doador de sangue à nossa agonia.

Não se entenda isso como uma atitude. Muito ao contrário, é um programa existencial que o poeta vem desveladamente cumprindo desde os primórdios de sua carreira. Num poema da juventude já coloria assim seus intuitos dadivosos:

"Vontade de cantar sem
continência desentranhando
toda esta alegria
que agita o corpo como
agudos sinos e pássaros
rasgando o mar da tarde.
Quente desejo da mulher
amada nascendo da raiz
do homem pronto, sabedoria
da carne, melodia dos desatados
rios corporais.
E a grande comoção
multiplicada de ser, entre

inumeráveis companheiros,
um homem pequenino,
desdenhável, resto de divisão
e não obstante útil pedra
na catedral dos homens".

Seus temas são o tempo como um navio, lento, a transportar no seu bôjo a redenção humana; o desenrolar da aventura sublunar; o espetáculo da vida: o amor geniáco e o amor-solidariedade; a "condição terrena"; o cabisbaixo homem inconcluído, mas fadado a atingir a plenitude; a antevisão gozosa do futuro.

De extremo a extremo, a sua obra é uma ardua pesquisa interior e inter-subjetiva em busca da chave dos problemas cruciais do homem da era atômica global ou a liberação generosa de suas energias criadoras.

Em muitos momentos o canto do vate maranhense ganha acentos dos corais handelianos: há premonições de gólgotas mas o clima é de celebração, de hosanas ao acontecimento inenarrável de nos encontrarmos "às vésperas do Homem".

Em suas próprias palavras:

"Verde raiz que em troncos se derrama e aos ventos se balança e folhas tece e, em poderosos frutos, chama a boca a que, madura, se a boca a que, madura, se oferece.
Verde raiz, vida obscura, silenciosa, surda e mágica que vai infiltrando sua forma pura e em rio de alegria se levanta.
Árvore que se afunda e se levanta em si e de si mesma se alimenta.
Verde raiz que em frutos se balança: inesgotável força de placenta que existe em tudo e fértil se derrama na própria consistência do poema!"

(Reproduzido do suplemento literário d'O Estado de São Paulo, de 4/4/70).

Oswaldino Marques